

internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Trump Jr. diz que corte em ONGs derrota a esquerda

Desmonte da Usaid justificaria sequência de fracassos na América Latina

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Donald Trump Jr., filho mais velho do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, atribuiu ontem o desempenho eleitoral da direita na América Latina ao desmonte da Usaid, agência americana de ajuda internacional praticamente extinta pelo governo do republicano.

“Desde que desmantelamos a Usaid, a esquerda não ganhou uma única eleição presidencial na América Latina”, escreveu Trump Jr. nas redes sociais, horas após o resultado do primeiro turno no Brasil. A disputa presidencial em 25 de outubro se dará entre o senador Flávio Bolsonaro e o presidente Lula.

Ele afirmou, sem apresentar evidências, que bilhões de dólares dos contribuintes americanos eram destinados a ONGs, programas de promoção da democracia e redes de ativistas que “convenientemente sempre apoiavam o mesmo lado”.

O filho do presidente classificou a atuação da agência como “interferência eleitoral” e agradeceu a Elon Musk, que, segundo ele, teve papel central nos primeiros esforços do governo Trump para desmontar a estrutura da Usaid.

Musk também comentou as eleições brasileiras sob o mesmo contexto. Nas redes sociais, ele compartilhou uma reportagem sobre o Brasil e disse que a “Usaid se envolveu em interferência elei-



Filho do presidente mantém relação próxima com a família Bolsonaro

toral e mudança de regime em todo o mundo, causando imensos conflitos”.

A declaração reforça uma tese recorrente entre aliados de Trump de que programas americanos de financiamento a organizações da sociedade civil e iniciativas de promoção da democracia favoreceriam grupos de esquerda no exterior. A alegação é contestada por organizações beneficiárias e por ex-integrantes do governo americano.

A Usaid foi fundada pelo presidente John F. Kennedy em 1961, com o intuito principal de centralizar e promover a ajuda externa dos EUA. À época, ela reuniu um rol de programas de assistência estrangeira que já estavam em vigor.

Trump Jr. mantém há anos uma relação próxima com a família Bolsonaro, em especial

com Eduardo Bolsonaro, a quem já chamou de amigo. Os dois se conheceram em 2018 e passaram a frequentar a mesma rede internacional de movimentos conservadores.

Em 2021, o filho de Trump participou por vídeo da CPAC Brasil, organizada por Eduardo, e, na véspera da eleição de 2022, declarou apoio à reeleição de Jair Bolsonaro (PL), afirmando que ele era a única pessoa capaz de impedir o avanço do “socialismo e comunismo” na América do Sul.

Em janeiro de 2025, durante as celebrações que antecederam a posse do pai, Trump Jr. encontrou Eduardo Bolsonaro em um baile hispânico em Washington. Ao descer do palco, o filho do presidente americano trocou apertos de mão e abraçou o deputado brasileiro.

Alta Corte de Londres. A informação foi inicialmente publicada pelo jornal britânico The Telegraph, que informou que Andrew havia solicitado ao tribunal que determinasse se a Polícia do Vale do Tâmesis agiu legalmente ao revistar seus endereços.

O advogado Mark Stephens, do escritório Howard Kennedy, em Londres, afirmou que, caso a Justiça decida a favor de Andrew, as autoridades não poderão utilizar as provas descobertas durante as buscas em nenhum processo contra ele. “Acho que o mais importante a se concluir disso é que isso mostra que Andrew e seus advogados estão levando esse mandado de bus-

ca e a possibilidade de acusações extremamente a sério”, disse Stephens à Associated Press. “E acho que isso sinaliza que talvez haja mais por vir. E talvez acusações sejam apresentadas mais adiante.”

A Polícia do Vale do Tâmesis afirmou que a investigação continua e confirmou que a corporação está envolvida em um processo judicial relacionado aos mandados de busca. Um porta-voz se recusou a fazer mais comentários enquanto o processo estiver em andamento.

Andrew foi preso em 19 de fevereiro devido a seus vínculos com Epstein e liberado cerca de 11 horas depois. Ele nega qualquer irregularidade em relação ao caso.

Republicanos se distanciam de Trump em campanha pela eleição legislativa

/ ESTADOS UNIDOS

A pouco mais de um mês das eleições legislativas dos Estados Unidos, candidatos republicanos em algumas das disputas mais competitivas do país começaram a abrir distância do presidente Donald Trump em temas como a guerra no Irã, as tarifas comerciais e a expansão de data centers.

O movimento para as midterms ainda está longe de representar um rompimento com Trump, que continua sendo a principal figura do Partido Republicano. Em muitos casos, os mesmos candidatos que agora divergem do presidente continuam a apoiá-lo em outras áreas e evitam confrontá-lo diretamente, mas as diferenças mostram como a proximidade com a Casa Branca passou a exigir ajustes.

A mudança é particularmente visível em relação à guerra no Irã. Mike Rogers, candidato republicano ao Senado por Michigan, e Ashley Hinson, que disputa uma vaga por Iowa, passaram neste mês a defender um encerramento rápido do conflito depois de anteriormente terem apoiado a condu-

ção da guerra pelo governo Trump.

Rogers afirmou em um anúncio de campanha que o conflito persa precisava acabar rapidamente. Hinson também passou a defender o fim da guerra e associou a questão ao impacto dos preços dos combustíveis sobre seus eleitores.

As divergências surgem em meio à crescente preocupação republicana com o custo político da guerra. Segundo o jornal Washington Post, embora Trump sustente publicamente que as eleições não influenciam suas decisões sobre o Irã e defenda que o conflito valeu seus custos, em conversas privadas com assessores ele reconheceu que suas próprias decisões sobre a guerra contribuíram para piorar o ambiente eleitoral para o partido.

Segundo fontes, Trump passou a ouvir pesquisas desfavoráveis e demonstrou maior preocupação em ajudar os republicanos a reduzir possíveis perdas em novembro. A guerra também se tornou um ponto de tensão no Congresso. Na Câmara, sete republicanos votaram neste mês ao lado dos democratas em uma medida destinada a limitar a continuação do conflito.

Pesquisadora morre após suspeita de infecção por peste em laboratório russo

/ RÚSSIA

Uma pesquisadora do Instituto de Pesquisa Antipeste de Irkutsk, na Rússia, morreu de pneumonia após uma suspeita de infecção por peste na sexta-feira. Darya Shipilova, de 28 anos, foi internada no dia 29 de setembro no Hospital Distrital de Shelekhov, na região de Irkutsk, na Sibéria, e morreu três dias depois. A agência de notícias estatal russa TASS afirmou que ela foi diagnosticada com pneumonia de etiologia desconhecida.

Segundo a agência, o Serviço Federal de Supervisão da Proteção dos Direitos do Consumidor e Bem-Estar Humano da Rússia, conhecido como Rospotrebnadzor, disse que uma série de medidas especiais foi adotada após o caso e que exames ampliados de amostras da pesquisadora não identificaram microrganismos associados às suas atividades profissionais.

Inicialmente, Alexey Tsydenov, chefe da República da Buriatia, região vizinha a Irkutsk, afirmou em uma publicação nas redes sociais que Darya havia morrido de peste. No entanto, ele editou a postagem e disse que ela “possi-

velmente” havia morrido em razão da doença. Tsydenov também negou que houvesse um surto de peste na região. A peste é uma doença infecciosa causada pela bactéria Yersinia pestis. Embora possa ser grave, a doença é tratável com antibióticos quando identificada e tratada precocemente.

A emissora CNN informou que a chefe do Rospotrebnadzor, Anna Yuryevna Popova, foi para Irkutsk na sexta-feira, apesar de o órgão federal afirmar que a “situação epidemiológica” é estável.

Em uma publicação no Telegram, o governador de Irkutsk, Igor Kobzev, disse que Popova foi à região para uma reunião extraordinária da Comissão Sanitária e Antiepidêmica Regional de Irkutsk. Segundo ele, a pauta do encontro foi o “caso suspeito de infecção particularmente perigosa que afeta um residente da região”. O jornal independente russo People of Baikal afirmou que a principal suspeita é de que Darya tenha quebrado acidentalmente um tubo de ensaio que continha a bactéria da peste em 25 de setembro. O Rospotrebnadzor não confirmou que isso tenha ocorrido.

Ex-príncipe Andrew pede anulação de mandados de busca

/ REINO UNIDO

O ex-príncipe da monarquia britânica Andrew Mountbatten-Windsor entrou com uma ação judicial para contestar os mandados que autorizaram buscas realizadas em duas de suas residências no início deste ano, no âmbito de uma investigação relacionada ao criminoso sexual Jeffrey Epstein.

Um porta-voz da Justiça informou ontem que Andrew busca “anular os mandados de busca emitidos por um juiz do Tribunal Penal Central em 18 de fevereiro de 2026”. Segundo a fonte, uma audiência será realizada nesta quinta-feira (8) perante um juiz da